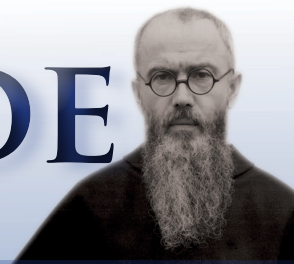




A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA



Publicação Bimestral | Ano XXXVI - Nº 6 | novembro - dezembro de 2023 | Assinatura anual: 6,00€



A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA

MISSÃO DA IMACULADA

Ano XXXVI- Nº 6

NOVEMBRO - DEZEMBRO de 2023

Fundador:

Aureliano Dias Gonçalves

Directora:

Chryсна Dela Cerna Rodriguez



Propriedade e Edição

«Cidade do Imaculado Coração de Maria»

NIPC: 501 709 223

Redação e Administração

Travessa São Maximiliano, 48 - Ap. 86

2496-908 Fátima

Tel.: (900 351) 249 531 146 • Tlm.: 925 795 003

(Chamada para a rede fixa nacional)

(Chamada para a rede móvel nacional)

email: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

Capa: Sagrada Família

Impressão: Indugráfica, Lda

Tiragem: 1000 ex.

Depósito legal n.º 13262786

Isenta de registo ERC ao abrigo do

decreto regulamentar 8/9 do 9

do 6 art.º 12.º, n.º1 a)

Publicação Bimestral

SUMÁRIO

FÁTIMA, UMA LUZ SOBRE O MUNDO

Como em Belém 3

SÃO MAXIMILIANO M. KOLBE

O Louco de Nossa Senhora 4

PADRE PIO DE PIETRELCINA

Salvou o mundo pela segunda vez 5

CATECISMO

A Penitência..... 6

ESPIRITUALIDADE

Quão grande é o Amor que Jesus Cristo nos mostrou..... 8

NOSSA SENHORA

Fátima, património do mundo.....10

PARA RECEBER O NOSSO JORNAL «A CIDADE» E SOLICITAR AS NOSSAS PUBLICAÇÕES

Tlf.: 249 531 146* • Tlm.: 92 579 50 03**

e-mail: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

*(Chamada para a rede fixa nacional)

**(Chamada para a rede móvel nacional)

Horário de atendimento:

segunda a sábado

das 9:00 - 12:30 e 16:00 - 18:00,

na livraria ou por telefone

*Para ofertas através do banco:

NIB: PT50.0033.0000.50033638483.05 - (Millennium BCP)

NIB: PT50.0035.0304.00003054930.89 - (Caixa Geral Depósitos)

*Cheque ou vale Postal: Cidade do Imaculado Coração de Maria

Caso faça o pagamento da assinatura por transferência Bancária, agradecemos que nos informe por telefone ou via e-mail editora@cidadedoimaculado.com

Como em Belém



O reverendo Dr. Formigão seguia dedicadamente todos os acontecimentos do Fátima, onde não faltava nos dias de maior devoção. Lá apareceu a 13 de Outubro de 1919. O Francisco tinha falecido em Abril. A irmãzita regressara há dois meses do hospital de Vila Nova de Ourém. Em que lastimoso estado se encontrava a pobre pequenina: pálida, magríssima, atormentada por atroz sofrimento!

Era preciso salvar, a todo o custo, aquela vida preciosa. Em que sítio poderia a pequena ser melhor assistida e tratada que na capital, onde não lhe faltariam os meios modernos de higiene e medicina? Os pais, porem, opunham viva relutância. Para quê martirizá-la com novos tratamentos se ela repetia constantemente que ia morrer dentro em breve?

O reverendo Dr. Formigão procurou sem demora, aplanar todas as dificuldades. Nos princípios de janeiro de 1920 apareceu em Fátima com o distinto clínico olisiponense, o Dr. Eurico Lisboa, que examinou a doentinha. «Foi ele - esclarece o venerando sacerdote - que na Fátima ralhou muito com ela (mãe da Jacinta) dizendo-lhe que em consciência era responsável pela morte da filha e que Deus lhe pediria contas disso, por não a poder, nem saber, nem querer tratar como era preciso para a salvar.»

Devido a tão sérias palavras e aos esforços do Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vas-concelos, barão de

Alvaiázere, removeram-se todas as dificuldades. A licença para partir estava dada. Onde encontrar agora casa para a receber?

O bondoso Dr. Formigão bateu à porta de várias famílias ricas pedindo a protecção e abrigo para a criancinha doente. Como outrora em Belém não apareceu lugar para a pobre família de Nazaré, também agora o não houve para a pobre e pequenina Jacinta. Os ricos e soberbos desprezaram aquele te-soiro que uma criatura, humilde e sem bens terrenos, recebeu cheia de caridade e santo alvoroço.

Quem foi essa bondosa alma? D. Maria da Purificação Godinho «uma senhora - informa-nos o mesmo sacerdote - de condição bastante modesta, que tinha uma obra com algumas orfãzinhas, sendo coadjuvada por boas almas, vivendo todas em comum e tratando-se mesmo por Irmãs».

O barão de Alvaiázere, com inexcédível boa vontade e dedicação, dispõe tudo em Fátima para a partida da Jacinta. Comunica para Lisboa, à hospitaleira senhora, que a pequena chagará à Estação do Rossio no dia 21 de Janeiro, quarta-feira, no comboio das 8 da noite. □

In, Fernando Leite, S. J., *Jacinta a Florinha de Fátima*



*Maximiliano Kolbe
o louco de Nossa Senhora
de Maria Winowska*



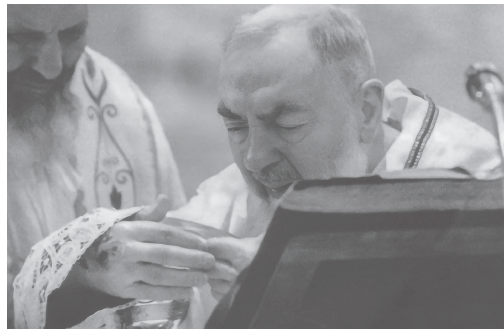
São Maximiliano Maria Kolbe oriundo de gente pobre, simples tecelões que trabalhavam duramente para viver. Na Polónia de então, cada dia tinha dez horas de trabalho. Os salários eram baixos e pagos conforme a livre vontade dos intermediários, quase todos judeus, que revendiam com lucros enormes os belos tecidos fabricados com tanto cuidado e amor em numerosas pequenas oficinas. Mal nascia ainda a grande indústria de Lodz. O operário trabalhava em casa e encontrava-se à mercê dos exploradores. Um casal que trabalhasse com afinco dez horas por dia mal ganhava para sustentar uma família.

Júlio Kolbe era alto, loiro, pacato, um pouco taciturno, não bebia, não fumava e ia muito à igreja. Isto valeu-lhe o coração e a mão de Maria Dabrowska, cujo perfil entrevemos mais nitidamente do que o dele. Deixou-nos numerosas cartas escritas com mão inábil e em estilo empolado, mas cheias de pormenores como-vedores.

A pequena Maria teria, ao que parece, vocação religiosa. Nesta época (estamos em 1875) sob a ocupação russa, não havia conventos, as religiosas viviam dispersas e não usavam hábito. A jovem não conhecia nenhuma e orava pedindo ingenuamente a Deus para morrer antes de ser obrigada a casar. Mas parece que não fez grande sacrifício ao casar-se. Escolheu o futuro marido, encantada por o encontrar tão virtuoso... e tão dócil. Parece que naquele modesto lar era ela quem mandava. Enérgica, devota, um pouco mexeriqueira, muito trabalhadeira e desembaraçada, governava o seu pequeno mundo com simplicidade e não tolerava que lhe desobedecessem. Adivinho-a um pouco dura. A graça que amaciara essas asperezas, o don da vida. É evidente que com os rapazes, dois mortos ainda pequeninos e outros três, Francisco (o mais velho), Raimundo (o nosso herói, nascido a 8 de janeiro de 1894) e José (o mais novo), era necessário ter mão firme. Ela tinha-a talvez um pouco firme de mais. Muito honesto, depois de uma travessura o pequeno Raimundo ia ele próprio estender-se num banco e entregar-lhe o chicote. Recebia tranquilamente o que tinha merecido e voltava à mesma! Felizmente, era uma criança como as outras e até mesmo, segundo numerosas testemunhos, um rapazinho muito bonito. □

Salvou o mundo pela segunda vez

«Quem sabe como chamará Deus ao Padre Pio! Ele é fora de série! Jesus deve tê-lo apresentado Ele mesmo ao Pai Celeste, e Este dever ter visto n'Ele a própria figura do Filho, o mesmo odor do Filho. O mesmo sucedeu a Jacob. E depois, das chagas nem se fala, da coroação de espinhos, mas ser todo uma chaga, da cabeça aos pés! Jesus está louco pelo Padre Pio. Nele quis fazer um monumento a si próprio. E quis apresentar ao Pai celeste, para O consolar da ofensa de Adão e Eva, um filho do homem semelhante a Ele. Jesus terá dito ao Pai celeste: «Vê bem, um filho do homem que é igual a Mim. Sofreu muito, mas vivia insatisfeito enquanto não lhe foi concedido a minha própria Paixão.» O Padre Pio salvou o mundo pela segunda vez, realizando uma nova Redenção, uma co-redenção. Assemelhou-se a Jesus em todas as suas dores. Por isso se sentia sequioso, faminto. Era como veado sedento de todas as penas de Jesus. Temos este irmão que se chama Jesus e que é o primogênito de Deus. E temos também o «segundogênito» de Deus, que é o Padre Pio. Nossa Senhora é a mãe do primogênito, mas também do segundo filho. E é por isso que ela estava sempre na casa



do seu segundo filho, na cela do Padre Pio, a Virgem estava sempre presente. Quando o Padre Pio ainda era vivo, o Padre Clemente sonhou com o Padre Agostinho, que lhe dizia: «Clemente, ajoelha-te à passagem do Padre Pio. Ele é grande, grande, grande».

D. Attilio: «E quando eu me ajoelhava à sua passagem, o Padre Pio dizia-me imediatamente: «Levanta-te! Senão, mando-te imediatamente de volta para Pádua».

Cleonice: «O Padre não permitia que os sacerdotes se ajoelhassem à sua frente. Ele não podia aprovar tal atitude.»

«Era de manhãzinha cedo. Eu estava na cama e ouvi uma voz que dizia: “O seu sepulcro será glorioso!” Voltei-me, mas não vi ninguém. Ouvi pela segunda vez: “O seu sepulcro será glorioso!” Eu não compreendia, e depois, pela terceira vez, a voz ainda se tornou mais forte. O sepulcro de Cristo pode ser chamado glorioso, mas não se podia dizer que o sepulcro de um santo seja glorioso.

O Padre Pio continua a sua missão. E toda esta gente que aqui acorre, estes estrangeiros, todos eles vêm visitar o seu sepulcro. □

*In, Renzo Allegri,
Padre Pio, um santo entre nós*

A Penitência



Por este sacramento são perdoados os pecados cometidos depois do Batismo. Foi Nosso Senhor quem instituiu a Confissão quando deu aos seus sacerdotes o poder de perdoar ou não perdoar os pecados. Recebemos este sacramento quando o sacerdote nos dá a absolvição, que é a sentença que o confessor pronuncia em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, para perdoar (remitir) os pecados do penitente munido das devidas disposições. Para receber a absolvição são necessárias as outras três partes do sacramento, os três actos do penitente: contrição, confissão e satisfação.

Contrição

A Contrição é um verdadeiro desgosto da alma, a dor de coração e a aversão ou detestação dos pecados cometidos, com propósito firme de nunca pecar. Ela é perfeita ou imperfeita, também chamada atrição. A contrição perfeita é a dor pela qual nos pesa termos ofendido a Deus, por Ele ser infinitamente bom e amável, e porque o pecado Lhe desagradava. A contrição imperfeita ou atrição é a dor pela qual nos arrependemos de ter ofendido a Deus causada principalmente pela fealdade do pecado ou pelo temor do Inferno. A melhor é a contrição perfeita, em que o arrependimento, implicando um ato de caridade perfeita, provem do amor de Deus, aperfeiçoada



por Ele, a contrição perfeita perdoa e apaga o pecado, com a condição de se ter intenção de confessá-lo, que é uma obrigação. A atrição não basta para alcançar o perdão dos pecados, senão por meio da absolvição no sacramento da Penitência, porque a atrição dispõe somente para pedir ou impetrar o perdão dos pecados e a graça de Deus.

A Confissão

A confissão sacramental é a acusação dos próprios pecados, feita ao sacerdote para isso aprovado, a fim de receber a absolvição. O sacerdote não pode julgar se deve ou não perdoar os pecados sem os ouvir em confissão. Digo acusação,

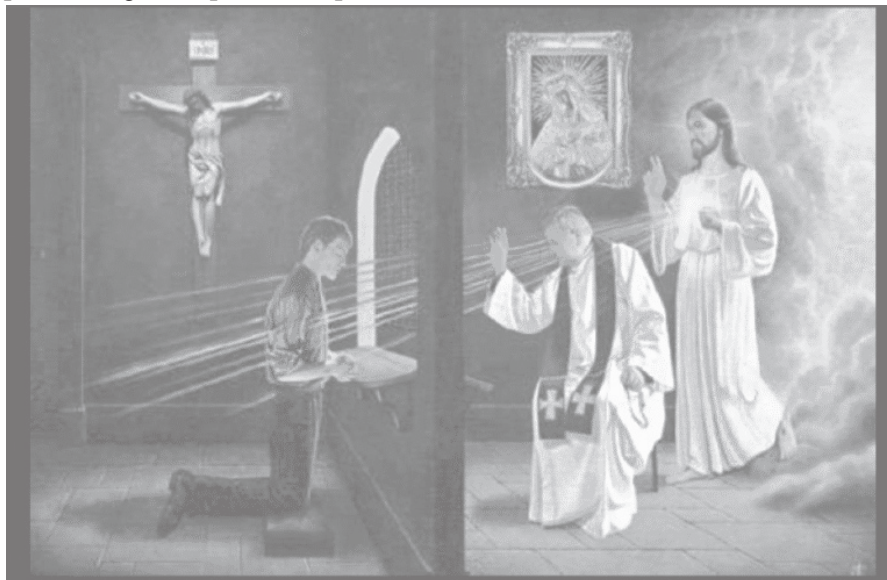
porque os pecados não se contam como uma história, mas com ânimo de se acusar a si mesmo e de querer tomar sobre si severa penitência. Para a confissão ser válida, devemos acusar todos os pecados mortais cometidos, com o número e as circunstâncias que lhes aumentam a gravidade ou mudam a espécie. Para isso, no exame de consciência devemos buscar diligentemente os pecados cometidos. Não estamos obrigada a acusar os pecados veniais, mas é muito útil confessá-los. O sacramento, além de apagar os pecados, dá graças para não recair em pecado.

A Satisfação (e as indulgências)

Chama-se Satisfação à penitência sacramental que o confessor impõe pelos pecados cometidos, para fazer reparação devida à justiça divina pela injúria que os pecados fizeram a Deus. Impõe-se para castigo do pecado e para re-

médio das enfermidades do penitente. Quem se confessar com intenção de não cumprir a penitência não fica absolvido. Estamos obrigados a oferecer satisfação a Deus, mesmo depois de recebida a absolvição, porque esta, perdoadando embora a pena eterna do Inferno, não nos dispensa das penas temporais que se têm de sofrer nesta vida ou na outra, no Purgatório. As indulgências concedidas pela Igreja em certas condições para remissão das penas temporais dos pecados já perdoados, podem ser aplicadas pelas almas do Purgatório, prática muito recomendada pela Igreja. Devemos também reparar o próximo, se lhe tivemos causado algum dano. Quem se confessar com intenção de não restituir ou reparar os danos causados ao próximo, não fica absolvido. □

*In «Catecismo Ilustrado»,
Caminhos Romanos*



Quão grande é o Amor que Jesus Cristo nos mostrou



Lê-se em Santo Agostinho que Jesus Cristo veio para fazer conhecer ao homem quanto é amado por Deus: É por isso que Jesus veio, para que o homem conheça como Deus o ama. Portanto, veio para nos fazer conhecer o infinito Amor com que nos ama este Deus, que se entregou todo por nós, aguentando todas as penas desta vida, a flagelação, a coroa de espinhos, enfim todas as dores e todos os ultrajes que sofreu na sua Paixão, até morrer abandonado por todos, no lenho infame da Cruz. Amou-nos e se entregou a Si mesmo por nós (Gal 2,20).

Jesus Cristo podia bem salvar-nos sem morrer na Cruz e sem sofrer. Bastava

para nos redimir uma só gota de Seu sangue, bastava uma simples oração, oferecida ao Pai eterno, a sua oração, que tinha por causa da sua divindade um preço infinito, podia salvar o mundo e mil mundos. Mas não, diz São Crisóstomo (ou qualquer autor antigo). O que bastava para redimir não bastava ao amor. Para redimir era suficiente, mas não para exprimir o grande amor que tinha por nós. Assim, para testemunhar como Ele nos amava, quis não só derramar uma parte do Seu sangue mas também derramá-lo inteiramente em muitos tormentos. É o que significavam as palavras que pronunciou na vigília da sua morte. *Porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será derramado por muitos...* (Mt 26,28).

A palavra «derramado» quer dizer que o sangue de Jesus Cristo, na sua Paixão, foi derramado inteiramente até à última gota; É por isso que, quando depois da sua morte a lança de Longuinhos Lhe abriu o lado, de lá saiu sangue e água, em sinal que eram as últimas gotas que Lhe ficaram. De sorte que, podendo nos salvar sem sofrer, Jesus Cristo quis abraçar uma vida de sofrimentos, e depois morrer com uma morte amarga e ignominioso na Cruz. *Humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte, e morte de Cruz* (Fil 2,8).

São Francisco de Assis não podia pensar na Paixão de Jesus Cristo sem que esta ideia lhe fizesse derramar lágrimas, derramou tantas que quase ficou cego. Um dia encontrou-se lavado em lágrimas ao pé da Cruz, gemendo e suspirando em alta voz. Interrogado porque se lamentava assim: «Eu choro sobre as dores e as humilhações do meu Salvador. E o que faz mais chorar, é ver que os homens, pelos quais Ele sofreu tanto, vivem sem se recordar disso.

Se ainda estás a duvidar, ó cristão, se Jesus Cristo te ama ou não, levanta os olhos e contempla-O pregado na Cruz. Ah! Não são demasiado certos estes testemunhos do amor que Ele tem por ti, exclama São Tomás de Vilanova: Esta Cruz na qual Ele está pregado, estas dores interiores com que Ele sofre, e esta morte amarga que Ele aguenta por ti? São testemunhos esta Cruz, estas dores, esta amarga morte que por ti sofreu (Conc. 3).



O amor com que Jesus Cristo ardeu por nós foi tal, que só quis morrer por nós mas também suspirou com ansiedade durante toda a sua vida pelo dia em que devia morrer por Amor a nós. □

In, Santo Afonso de Ligório «Semões»
Edição: Les amis de saint François de Sales





Fátima, património do mundo

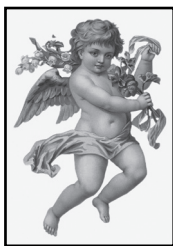


Em Budapeste, numa viagem que ali realizou, um grupo de portugueses, em princípios de Setembro de 1989, quando já se adivinhava o desmoronar do muro que separou duas conceções de vida, mas ainda sob o férreo controlo da foice e do martelo, encontrou, junto da Catedral de Santo Estevão, um sacerdote perfeitamente identificado como tal. Foi único padre encontrado, com traje eclesiástico, em toda a cidade, naqueles dias, o que faz pensar na sua coragem. Vários sacerdotes do grupo viajavam também perfeitamente identificados. Tentaram falar com ele em diversos idiomas – português, francês, espanhol e italiano – mas

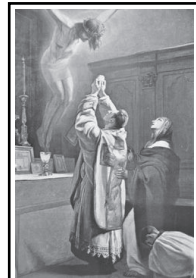


foi inútil. Tiveram então alguns sacerdotes portugueses a luminosa ideia de se exprimirem em latim: «*Sumus lusitani!*» (Somos portugueses!). Quando recebeu esta resposta, o rosto deste homem de Deus, até então velado por um certo ar de desconfiança, iluminou-se com um sorriso, tomou uma expressão que jamais se poderá esquecer e, de mãos postas, olhando para o céu, exclamou com enlevo: «Oh! Fátima!». Os católicos desta nação, em tempos da opressão comunista, tinham construído em Fátima, perto dos Valinhos, o Calvário Húngaro. E o cardeal Mindszenty, símbolo da resistência de um povo aos regimes totalitários, uma vez saído da legação americana de Budapeste, onde se encontrava refugiado, veio à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora a sua libertação e pedir pela sua pátria ainda oprimida. E como não recordar também a alegria contagiosa daquela senhora colombiana de meia-idade, junto à Capelinha das Aparições, no dia 4 de julho de 1992, imensamente feliz, por se encontrar ali? Era uma humilde costureira, e toda a vida acalentara o sonho de visitar a Cova da Iria. Só que as moedas que dificilmente ia juntando eram devoradas por qualquer imprevisto, e o projeto ia ficando sempre adiado... até que alguém lhe oferecera uma ajuda para a viagem. Dizia, cheia de comoção: «Que felizes sois vós, os portugueses, por viverdes tão perto de Fátima!». □

In, M. Fernando Silva, *Pastorinhos de Fátima*, Paulinas



Recebemos as seguintes ofertas, que muito agradecemos



Afonso M. Coelho, 50,00€; Anonimo, 30,00€; Jacinto Marto Silva Pereira, 6,00€; Anonimo, 10,00€; Fatima Esteves, 18,00€; Antonio Azeredo, 6,00€; Anonimo, 50,00€; Rose Marie de Leon, 50,00€; Anonimo, 20,00€; Jacinta Valasquez, 20,00€; Anonimo, 50,00€; Mary Ann Alisango, 20,00€; Anonimo, 55,00€; Elina e Enrique, 20,00€; Flora Rocha Gomes, 15,00€; Anonimo, 25,00€; Irmãs de Santa Cruz, 20,00€; Conceição Santos Manso, 10,00€; Anonimo, 100,00€; Georgina Ramos Barata Almeida, 20,00€; Anonimo, 50,00€; Anonimo, 65,00€; Maria dos Anjos Cajada, 10,00€; Maria do Carmo Cajada, 10,00€; Anonimo, 40,00€

Todos os meses é celebrada uma Santa Missa pelas intenções dos benfeitores.



Ajude-nos a divulgar a nossa revista "A CIDADE"

A revista «A Cidade» só pode ser enviada até junto de vós, mediante o pagamento prévio. Lembramos que esta revista só é sustentada através das assinaturas e respectivo pagamento, tal como pela oferta de alguns benfeitores.

Assinatura anual da revista «A Cidade»: 6,00€uros por ano, pagos até Março.

Agradece-se:

Informação por telefone, via CTT ou e mail (editora@cidadedoimaculado.com), quando:

- **fizer pagamento por transferência bancária (enviar comprovativo)**
- **actualização de novo endereço postal.**

Fazemos um forte apelo aos nossos caríssimos Leitores, Divulguem «A Cidade» junto dos vossos familiares, amigos, grupos de oração e Comunidade(s) Paroquial(ais)!

Gratos a cada um, pedindo a DEUS que vos abençoe imensamente por Maria Santíssima!

Ave Maria!

Santo Natal



..... ❁

Maria, que foi totalmente envolvida
pela luz do Espírito Santo,
nos ajude a compreender
e a viver plenamente o mistério
do Natal.

..... ❁

*Desejamos a todos um Santo Natal
e um Ano Novo cheio de graças e bênçãos!*